

*OECD Insights*

## **Human Capital: How what you know shapes your life**

*Summary in Portuguese*

*Informações da OCDE*

## **O Capital Humano: Como o seu conhecimento compõe a sua vida**

*Sumário em Português*

O mundo do trabalho presenciou importantes mudanças nas duas últimas décadas. Os empregos na indústria manufatureira representam ainda um percentual ínfimo da força de trabalho, nos países com fatores econômicos mais desenvolvidos, ainda que os salários no setor da indústria manufatureira não estejam no mesmo nível dos outros setores. De modo progressivo, os trabalhadores que detêm “conhecimento” – uma categoria que inclui todos os tipos de trabalhadores, desde aqueles dos call-centre aos arquitetos, e dos professores aos trabalhadores do setor financeiro – são vitais para o êxito econômico nos países desenvolvidos.

A capacidade dos indivíduos e dos países em se beneficiar dessa economia do conhecimento emergente depende, em grande parte, do seu capital humano – sua educação, suas competências, seus talentos e suas capacidades. Disso resulta que o Governo está cada vez mais envolvido no aumento dos níveis do capital humano. Uma das mais importantes maneiras pelas quais o Governo pode fazer isto é através da educação e da formação, que hoje são vistos como fatores dos mais importantes, na contribuição para o crescimento econômico.

Entretanto, a escolaridade básica obrigatória – que, de modo geral, destina-se às crianças de 4 ou 5 anos e aos adolescentes de até 20 anos – desempenha apenas um papel parcial na formação do capital humano. Em muitos aspectos, é mais útil pensar na formação do capital humano não em termos de instrução, mas sim em termos de *aprendizagem*, um processo continuado ao longo da vida.

Considerando através de uma perspectiva econômica e de emprego, este potencial humano para a aprendizagem continuada tem assumido uma importância cada vez maior. As ocupações mais antigas estão migrando para os locais nos quais a mão-de-obra é mais barata, enquanto a rapidez das mudanças tecnológicas provoca a criação de ocupações que, certamente, não existiam há muito tempo, ou que estão modificando, radicalmente, o que os trabalhadores precisam saber para realizar suas atividades. Disso resulta que,

agora, as pessoas precisam continuar desenvolvendo suas competências e capacidades durante toda a vida profissional.

Este sumário aborda o conceito do capital humano, sua importância crescente para o desenvolvimento econômico, e o modo como o Governo e as sociedades podem trabalhar para desenvolvê-lo desde a primeira infância, o período do ensino formal e a idade adulta.

## **O que é o capital humano?**

A idéia de capital humano pode ser rastreada, pelo menos, desde a época da obra de Adam Smith, economista escocês do século XVIII; mas, na verdade, foi no final dos anos 1950 e 1960 que essa idéia começou a emergir como um importante conceito econômico. Naquela época, economistas, como Theodore Schultz, começaram a utilizar a metáfora de “capital” – um renomado conceito das Ciências Econômicas – para explicar o papel da educação e da especialização na geração de prosperidade e crescimento econômico.

Esses economistas pretendiam que as pessoas investissem em educação e capacitação para armazenarem uma quantidade de competências e capacidades (um capital), que pudesse lhes dar retorno a longo prazo. Este investimento poderia também beneficiar as economias nacionais e ajudar a dinamizar o crescimento econômico.

Sendo assim, simbolicamente, o capital humano é amplamente definido como algo que abrange uma mistura de talentos e habilidades individuais inatos, bem como as competências e as aprendizagens adquiridas pela educação e pela capacitação. (Algumas vezes, inclui-se também a saúde). Talvez, seja válido observar que o mundo dos negócios, que adotou, ansiosamente, o conceito de capital humano, tende a defini-lo de modo mais estrito, considerando-o, sobretudo, como as competências e os talentos numa força de trabalho, que estão diretamente vinculados ao sucesso de uma empresa ou indústria específica.

## **Será que o capital humano traz retornos?**

O capital humano está associado a uma ampla série de benefícios econômicos ou não-econômicos. Inclusive, alguns dos maiores benefícios podem ser não-econômicos, incluindo-se a melhoria da saúde, maiores expectativas de vida e maiores probabilidades de envolvimento na vida comunitária.

Economicamente, os retornos do capital humano podem ser entendidos em termos de prosperidade individual e de economia nacional. No plano individual, os salários tendem a aumentar, nitidamente, em função do aumento do nível de instrução das pessoas. Em alguns países da OCDE, como na Dinamarca e na Nova Zelândia, os salários das pessoas que têm nível universitário são superiores aos das pessoas que apenas concluíram o Ensino Médio em aproximadamente um quarto. Em outros países, essa diferença é ainda mais notável, alcançando até 120%. Entretanto, os sistemas econômicos podem ter rendimentos aumentados de 3 a 6%, considerando-se cada ano adicional que as pessoas consagram à educação.

## Por que o capital humano está se tornando mais importante?

Nos últimos anos, um considerável conjunto de fatores chamou a atenção para o papel econômico do capital humano. Um dos mais importantes é o aumento da chamada economia do conhecimento, que se baseia mais na produção e no gerenciamento dos dados e da informação do que nos objetos manufaturados. Essa tendência é evidente na emergência de empresas como Google, e na passagem progressiva para o tipo de emprego que as pessoas fazem. Em 1995, um pouco mais de 28% dos trabalhadores dos países da OCDE estavam na indústria e mais de 63% nos serviços; 10 anos depois, o percentual para a indústria era um pouco inferior a 25%, contra mais de 69% para os serviços.

A globalização também está modificando a maneira como as pessoas trabalham e as ocupações que têm. Hoje, as empresas contam com longas cadeias de produtores e de prestadores de serviços espalhados pelo mundo, e com avançados sistemas de comunicação para coordená-los. Do mesmo modo, a disponibilidade de mão-de-obra mais barata nos países em desenvolvimento está vendo algumas atividades da indústria manufatureira – e mesmo de algumas atividades de mais alto nível, como, por exemplo, a programação de software – migrar para sistemas econômicos desenvolvidos.

Um último fator é o envelhecimento das populações. Em razão de mudanças demográficas, a média de idade tem aumentado em inúmeros países desenvolvidos, tendo como consequência futura o aumento do número de aposentados e um menor número de trabalhadores ativos. Conseqüentemente, muitos países estão buscando meios de fazer com que as pessoas permaneçam mais tempo na força de trabalho. Para tanto, esses países precisarão, provavelmente, atualizar suas competências e aprendizagem.

## Por que a primeira infância é importante?

A questão da guarda e da educação das crianças muito jovens tem sido objeto de crescente interesse. Isso se deve, parcialmente, à consideração meramente prática de como cuidar das crianças no período em que as mulheres saem de casa para trabalhar. O percentual é variável, porém, alguns países verificaram um aumento bastante nítido nos últimos anos: na Espanha, em 1994, apenas um terço das mulheres tinham emprego; 10 anos mais tarde, essa proporção passou para pouco menos da metade.

De uma certa medida, esses aumentos se devem ao próprio desejo das mulheres de permanecerem na população ativa após a maternidade. No entanto, em alguns países – especialmente nos países de língua inglesa – estimula-se ativamente os pais a continuarem a trabalhar. Isso é, em parte, porque as crianças das famílias em que nenhum dos pais ou apenas um dos pais trabalha têm maiores probabilidades de viver na pobreza. Essa falta de recursos pode atrasar seriamente o desenvolvimento educacional e social de uma criança, criando problemas que podem permanecer até a idade adulta.

Por isso, com um maior número de mulheres trabalhando, assiste-se ao aumento da demanda de guarda de crianças. Em muitos países da OCDE, essa guarda é provida pelo setor privado, havendo uma supervisão limitada pelo Governo. A qualidade dessas guardas, e sua contribuição para o desenvolvimento da primeira infância, é motivo de preocupação, especialmente quando se compara a sistemas altamente desenvolvidos de

guarda e educação de crianças na primeira infância, como os existentes, por exemplo, nos países nórdicos.

Nesses países, a guarda de crianças geralmente adota uma abordagem holística, integrando estreitamente a guarda à educação e ao emprego para garantir que as crianças se beneficiem de uma tranquila transição para a escola primária. Comparativamente, alguns outros sistemas de guarda de crianças têm a tendência de dar um maior enfoque à guarda e, em alguns casos, à educação. Nesse último caso, os jardins de infância podem considerar que o seu papel seja o de preparar as crianças para a escola mais do que – como na abordagem nórdica – para a vida. Esses sistemas também podem não ser tão direcionados para a ludicidade, através da qual as crianças da primeira infância aprendem.

A guarda e a educação de crianças de alta qualidade beneficiam a todas as crianças, mas podem ser especialmente importantes para as crianças providas de contextos mais pobres ou da imigração. Inclusive, a escala dos benefícios potenciais levou muitos economistas educacionais a afirmar que os governos não estão investindo suficientemente nesta área.

### **Como a educação está respondendo?**

Os anos de educação formal são cruciais para a formação do capital humano e para garantir que os jovens desenvolvam as competências e os conhecimentos que lhes possibilitarão obter uma melhor condição de vida no futuro. Infelizmente, em muitos países da OCDE, aproximadamente um em cada cinco jovens não conclui o Ensino Médio, limitando seriamente suas perspectivas de emprego e sua potencial condição salarial. Inclusive, com a diminuição da disponibilidade de empregos nas indústrias manufatureiras, razoavelmente, seguros e bem pagos na maioria dos países desenvolvidos, a situação desses jovens está, indubitavelmente, se tornando ainda mais difícil. Os jovens que deixam a escola mais cedo são muitas vezes considerados como aqueles que “fracassaram” no sistema educacional, embora fosse bem mais adequado dizer que foi o sistema educativo que falhou com eles.

O que pode ser feito para tornar a educação mais efetiva? A atenção tem se voltado, progressivamente, para a qualidade do ensino como um fator na educação, em particular devido ao forte desempenho internacional dos estudantes, em países como a Finlândia, que prepara os professores para o nível superior e lhes dá uma autonomia considerável na sala de aula. A autonomia também é uma saída para as escolas. Há algumas evidências demonstradas pela aplicação do PISA nos países da OCDE de que as escolas com maior liberdade de alocar recursos e com melhores equipamentos educacionais obtêm melhores resultados.

Entre os sistemas educacionais, muito mais poderia também ser feito em diversos países para proporcionar aos jovens maiores oportunidades de realizarem cursos profissionais, em oposição aos cursos puramente acadêmicos, ambos nos níveis de Ensino Médio e de Ensino Superior. A educação profissional – que proporciona aos estudantes competências específicas para a área industrial – tendia a receber menos recursos em muitos países desenvolvidos, em meio à corrida para alcançar padrões acadêmicos e para realizar pesquisas de alto nível no Ensino Superior.

A educação universitária de alta qualidade pode, evidentemente, trazer importantes benefícios para os sistemas econômicos nacionais, acelerando a criação e o uso de tecnologias inovadoras, e pode também trazer uma contribuição significativa ao banco nacional de capital humano. Andreas Schleicher, da OCDE, argumenta que esta é uma área em que muitos países europeus estão. As grandes economias como a da França e a da Alemanha estão sendo ultrapassadas pelos outros países, como os países nórdicos e a Coreia, em termos de números de jovens graduados pelas universidades – um sinal de que “não mais estão entre os líderes mundiais no desenvolvimento do conhecimento e das competências”.

Provavelmente, a resposta dos governos europeus incluirá uma análise de como é melhor alocar recursos para a educação – uma fonte constante de debate pelo mundo. Em média, os governos da OCDE gastam 5% do PIB com educação, sendo o dobro disso alocado para os estudantes do Ensino Superior do que para os alunos do Ensino Primário. Porém, como os estudantes universitários, ao receberem seus diplomas, têm mais probabilidades de obter melhores condições salariais do que as outras pessoas, houve mudanças em muitos países, a fim de fazê-los pagar uma parte do custo da sua educação.

Tais evoluções podem fazer sentido em termos de igualdade social: de modo geral, os jovens oriundos de meios desfavorecidos estão altamente sub-representados no Ensino Superior. Obviamente, é abusivo pedir aos pais que ganham menos que paguem impostos para financiar universidades, nas quais seus filhos nunca entrarão. Do outro lado da moeda, introduzir o pagamento de taxas de escolaridade no Ensino Superior pode erguer muito mais barreiras para a entrada de estudantes oriundos de meios desfavorecidos, a não ser que sejam feitas alocações adequadas através, por exemplo, de subsídios, subvenções ou de generosos empréstimos aos estudantes.

## **Qual é o papel do treinamento?**

O envelhecimento das populações nos países mais desenvolvidos está botando pressão para que as pessoas se aposentem mais tarde. Em consequência, há uma necessidade crescente de que essas pessoas atualizem suas competências e educação, a fim de poderem lidar com o rápido ritmo das mudanças nos locais de trabalho. Porém, isso não afeta unicamente os que estão próximos do fim da carreira. Pessoas de todas as idades na força de trabalho precisam continuar aumentando seus níveis de competência, o que, por sua vez, pode melhorar suas perspectivas salariais e tornar mais fácil a procura de um novo emprego se ficarem desempregadas.

Infelizmente, a capacitação de adultos não é muito divulgada junto ao efetivo. Os trabalhadores mais jovens e que têm os mais altos níveis de qualificação existentes têm mais chances de receber um treinamento dos seus empregadores. Com efeito, os que mais precisam de treinamento – os trabalhadores idosos e aqueles cuja instrução é limitada – têm menos chances de recebê-lo. Também há diferenças entre os gêneros – na maioria dos países da OCDE, os homens realizam mais aperfeiçoamentos do que as mulheres – e entre os países: na Dinamarca, os trabalhadores recebem quase 1.000 horas de reciclagem não-formal vinculada ao emprego, ao longo de suas carreiras; na Itália, recebem menos de 100 horas.

Os governos de muitos países privilegiaram as tentativas de ajudar os trabalhadores que não estão sendo reciclados. Alguns países impõem aos empregadores o recolhimento de impostos para reciclagens; esses impostos podem acabar sendo gastos de diversos modos, incluindo-se a criação de um fundo central de treinamento. Há também interesse na idéia de co-financiamento, que envolve o Governo, os trabalhadores e os empregadores, que contribuem para o financiamento do treinamento, com o objetivo de garantir que todo o mundo esteja envolvido nos programas de treinamento. O Canadá, por exemplo, está testando um sistema especial de contas de poupança para financiar a aprendizagem dos adultos, pagando aos trabalhadores de baixa renda até 3\$ para cada dólar que eles próprios conseguem poupar.

No entanto, mesmo com a alta mistura de financiamento, a motivação permanece a principal questão para os adultos. Em muitos casos, a pressão do trabalho e de formar uma família pode ocasionar nos adultos o sentimento de que não têm tempo para estudos adicionais. Essa barreira pode ser superada – pelo menos parcialmente – possibilitando aos adultos adquirirem qualificações durante grandes períodos, num ritmo que lhes convém. Na Coreia, o Credit Bank System está em operação desde 1998, e durante os seus cinco primeiros anos, possibilitou a 25.000 pessoas constituírem os créditos necessários à qualificação formal.

### **Quais são os outros desafios?**

A educação de massa se expandiu dramaticamente no século XX, propiciando mais escolarização para um maior número de pessoas. Atualmente, nos países desenvolvidos, a instrução obrigatória está, finalmente, alcançando seus limites naturais em termos do período de tempo que os jovens estão preparados para passar na escola. No futuro, então, o aumento do suprimento de capital humano se baseará menos na expansão da quantidade da educação e mais na melhoria da qualidade da aprendizagem. Para as sociedades, isso significará ajudar um maior número de pessoas a desenvolver seu completo potencial de talentos e habilidades durante a totalidade de suas vidas.

© OECD 2007

Este sumário não é uma tradução oficial da OCDE.

A reprodução deste sumário é permitida desde que sejam mencionados o copyright da OCDE e o título da publicação original.

**Os sumários multilingües são traduções dos excertos da publicação original da OCDE, publicada originariamente em Inglês e Francês.**

**Encontram-se livremente disponíveis na livraria on-line da OCDE**  
[www.oecd.org/bookshop/](http://www.oecd.org/bookshop/)

Para mais informações, entre em contato com a OECD Rights and Translation unit,  
Public Affairs and Communications Directorate.

[rights@oecd.org](mailto:rights@oecd.org)

Fax: +33 (0)1 45 24 94 53

OECD Rights and Translation unit (PAC)  
2 rue André-Pascal  
75116 Paris  
França

Visite nosso sítio [www.oecd.org/rights/](http://www.oecd.org/rights/)

